

## PROJETO GRÁFICO, ILUSTRAÇÃO E LEITURA DA IMAGEM NO LIVRO DIDÁTICO

Luís Camargo\*

Há vários anos venho estudando a ilustração nos livros infantis, mas ainda não havia estudado o livro didático. Por onde começar?

Comecei folheando os livros didáticos de meus três filhos (que terminaram a 4ª, a 5ª e a 7ª séries), fiz pesquisas na biblioteca de um clube perto de casa e visitei quatro editoras paulistas. Concentrei-me em livros de português, de 1ª a 8ª série, depois, nos de 5ª a 8ª. Por fim, demorei-me a ler e a estudar o projeto gráfico e as ilustrações de quatro livros de português para a 5ª série. Escreverei sobre eles mais adiante. Antes disso, pensei em focalizar um livro só de texto, já que seu projeto gráfico é mais simples. Não estranhe eu ter escolhido um livro de crônicas, afinal este é um dos gêneros mais frequentes nos livros de português de 5ª a 8ª série.

### Um livro sem ilustrações

Apanho um livro na prateleira: sua capa é flexível e se dobra para dentro (tem orelhas). Na primeira página, dois substantivos, um

\* Escritor e ilustrador de livros infantis.

Em Aberto, Brasília, ano 16, n.69, jan./mar. 1996

artigo repetido duas vezes e uma conjunção. As palavras estão distribuídas em três linhas: uma palavra na primeira, uma na segunda, três na terceira. É o título do livro:

O  
CONDE  
E O PASSARINHO

A letra O, de passarinho, está bem abaixo do E, de conde: as duas palavras estão alinhadas à direita. Se o artigo O, que precede o substantivo conde, estivesse em cima da letra E, de conde, todas as linhas estariam alinhadas à direita. Parece que o diagramador achou que o O em cima do N ficaria mais equilibrado: duas letras para cá (COM), duas para lá (DE). Em diagramação não há regras rígidas: "quem manda é o olho", diz um amigo meu.

O título do livro está composto um pouco abaixo da metade da folha, deslocado um pouco para a direita. Em seu *Dicionário de artes gráficas*, Frederico Porta informa que a "primeira página do livro, que precede a do rosto, ou frontispício, levando impresso apenas o título da obra, salvo, algumas vezes, no verso, a relação, em letra miúda, das obras do autor", é conhecida como *ante-rosto*.

Esta página que acabei de comentar é o ante-rosto. Virando-a, encontro — confirmando a explicação de Frederico Porta —, uma relação das obras do autor, precedidas da expressão "do autor", composta com letras maiúsculas, seguida de dois pontos:

## DO AUTOR:

Segue-se a relação de dez livros de crônicas e de um livro traduzido. Na terceira página, ao alto, o nome do autor, o título do livro — O CONDE E O PASSARINHO — composto do mesmo jeito que no ante-rostro, só que com letras de tamanho menor e, mais abaixo, o nome da editora.

Esta é a página de rosto que, segundo Frederico Porta, é "a que leva impresso o rosto ou frontispício do livro". Rosto, ele informa, é "o mesmo que frontispício", que é "a página que, no começo do livro, podendo vir precedida apenas pelo ante-rostro, traz o título da obra, nome do autor, indicação do impressor, e outros dados Complementares".

As denominações variam com o tempo (este dicionário que venho citando é só um pouquinho mais jovem do que eu - foi publicado em 1958). Ultimamente costuma-se usar *página de rosto* com o significado de rosto ou *frontispício*.

No verso desta página há indicação dos autores da capa; número do exemplar (pouco usual, ultimamente); dados sobre a editora: endereço, telefone; *copyright* (copirraite, escreveria hoje o Aurélio), ou seja, a quem pertencem os direitos autorais; e data. Estas informações estão distribuídas em três blocos: o dos autores da capa e da fotografia, o número do exemplar e o terceiro com as demais informações. O primeiro e o segundo blocos estão alinhados à esquerda; o terceiro está blocado.

As letras C, F e E das palavras *capa*, *fotografia* e *exemplar* estão uma embaixo da outra:

Em Aberto, Brasília, ano 16, n.69, jan./mar. 1996

Capa de RENATO VIANNA Fotografia  
de ARMANDO NOGUEIRA

Exemplar n<sup>2</sup>

As linhas acima obedecem a uma mesma margem do lado esquerdo — estão alinhadas à esquerda.

O terceiro bloco obedece a uma mesma margem, tanto do lado esquerdo como do direito—ele está blocado:

Direitos desta edição reservados à EDITORA DO AUTOR, Rua Araújo Porto Alegre, 70 — grupo 413 — Telefone 42-9421 — End. Teleg. "Edautor" — Rio de Janeiro. Copyright by Rubem Braga, 1961.

Para isso, o espaço entre as palavras varia conforme a linha: os espaços entre "Direitos desta edição reservados" são menores do que os espaços entre "Rua Araújo Porto Alegre".

A primeira página numerada é a cinco. O título e o texto estão compostos com letras inclinadas (ou, como diria um tipógrafo, em itálico):

*ESTE VOLUME*

*ESTE volume reúne meus dois primeiros livros, "O Conde e o Passarinho", de 1936, e "Morro do Isolamento", de 1944; (...)*

105

Descobrimos porque na página de rosto há um título em corpo maior e outro em corpo menor (corpo é a altura da letra): não é subtítulo — são os títulos dos livros publicados anteriormente, em anos diferentes, em cidades diferentes, por diferentes editoras e agora reunidos em um único volume.

O título do prefácio—*ESTE VOLUME*—está alinhado à direita e está composto com letras maiúsculas (em caixa alta, diria um tipógrafo), a uma altura de aproximadamente dois terços da página. O espaço entre o título e o texto é de aproximadamente a metade da margem superior — cerca de um sexto da página. Assim, há "suficientes claros na página impressa", como recomendava Mário Quintana, referindo-se a livros de poesia. Mas em qualquer livro eles são necessários. Meu amigo é enfático: "livro não é lata e texto não é sardinha, pra ficar espremido na página".

O prefácio começa com a palavra *este* em caixa alta. O primeiro E tem o dobro da altura das outras letras. Esse tipo de letra, de tamanho maior, no início de capítulos, prefácios e poemas é chamado *capitular*.

A primeira crônica — este é um livro de crônicas — começa na página 9. O título ocupa duas linhas e está alinhado à direita:

COMO SE FORA UM  
CORAÇÃO POSTIÇO

A segunda crônica, começa na página 13 e tem um título de apenas quatro letras, alinhado à direita:

FIFI

A terceira crônica inicia-se em uma página par, a 16. O título está alinhado à esquerda:

RUMBA

Folheando o livro, vamos encontrando títulos alinhados à esquerda, nas páginas pares, às vezes em duas linhas:

BATALHA NO LARGO  
DO MACHADO

MAIS AMPLAS REFLEXÕES  
EM TORNO DE BIDU

E títulos alinhados à direita, nas páginas ímpares:

VÉSPERA DE S.JOÃO NO  
RECIFE

EM MEMÓRIA DO BONDE  
TAMANDARÉ

Como no prefácio, o título de todas as crônicas está a uma altura de dois terços da página e o espaço entre os títulos e os textos é de um sexto da página. A margem inferior é o dobro da margem superior. Nas páginas pares, a margem lateral esquerda é o dobro da lateral direita e vice-versa, isto é, nas páginas ímpares a margem lateral esquerda é a metade da margem lateral direita.

Essas crônicas de Rubem Braga — *O conde e o passarinho* é um livro de Rubem Braga — você começa a ler e não pára, é fisgado

pelo seu estilo. Nem percebe as capitulares, as margens, o alinhamento dos títulos. Mas esses recursos estão lá, contribuindo para o prazer de ler. Como diz meu amigo, "a diagramação não é fantasia de carnaval: não pode aparecer mais do que o texto".

*O conde e o passarinho* não é um livro didático e não tem ilustrações. Mas tem *um projeto gráfico*, como você percebeu. Agora que você já conhece algumas palavras do vocabulário das artes gráficas, vamos estudar o projeto gráfico de um livro didático *com ilustrações*.

### Um livro ilustrado

Os fichários são ótimos quando você procura um autor ou um título específicos. Mas gosto de olhar aos lados, em cima e embaixo, descobrindo livros inesperados. Foi assim que encontrei *Os continentes*, de Aroldo de Azevedo, um exemplar da quarta edição, de 1970.

O livro está organizado em cinco partes, não numeradas: Nosso continente, O mundo europeu, O mundo asiático, O mundo africano e O mundo oceânico. Cada uma delas é introduzida por uma foto de página inteira, "sangrada" no alto (isto é, sem margem), com margens laterais e inferior: estátua da Liberdade, Nova York; jovem portuguesa; Tóquio; mercado de Daomé; paisagem da Samoa.

Abaixo de cada uma dessas fotos, na metade direita da margem inferior, há uma legenda, alinhada à direita, com o título em negrito (isto é, com traços mais grossos que o normal, "e que por isto maiormente se destaca na composição", conforme ensina Frederico Porta em seu dicionário).

Em Aberto, Brasília, ano 16, n.69, jan./mar. 1996

*Os continentes* é composto por 22 capítulos, todos numerados. A página de abertura de cada um apresenta, na metade esquerda, o número do capítulo em corpo três vezes maior do que o do título que, por sua vez, está colocado abaixo do número e alinhado à direita.

Abaixo, um fio divide a metade esquerda ao meio. Na metade inferior há uma vinheta azul representando o espaço geográfico focalizado: 1. O continente americano; 2. América do Sul; 3. Os países platinos etc. (*Vinheta* é uma ilustração pequena, com cerca de até um quarto da página).

O texto dos capítulos é composto em duas colunas, com subtítulos em negrito e, no meio do texto, em itálico, para destacar palavras e expressões. A maior parte das páginas são ilustradas: ilustrações de uma ou duas colunas e páginas só com ilustrações. Além das vinhetas azuis já mencionadas, as ilustrações são constituídas por fotos, mapas, plantas e desenhos esquemáticos. As fotos têm caráter predominantemente informativo. As fotos de abertura juntam, ao caráter informativo, o elemento estético. Por exemplo, a repetição de formas e cores criando um agradável ritmo visual nos utensílios domésticos num mercado de Daomé etc.

As fotos possuem legendas constituídas por um título, breve texto explicativo e, em alguns casos, o crédito da imagem, como por exemplo:

O Everest. - Em 1953, Edmund Hillary e Tensing Norkay conseguiram atingir o mais alto pico da Terra (Col. A. Journaux).

107

Os títulos, compostos em negrito, não utilizam verbo, salvo uma única exceção: "Cultivando arroz no Vietnam".

As legendas são compostas de uma a II linhas: mais da metade utiliza três linhas; quase 20% utilizam duas linhas e cerca de 15% utilizam quatro linhas. Ao final de cada capítulo há um resumo e pequenas notas. A palavra *resumo* aparece sempre dentro de um retângulo rosa e a expressão *pequenas notas* em um retângulo azul. O resumo e as pequenas notas são compostos em corpo menor, sem colunas e o texto está distribuído em parágrafos numerados, sendo que as pequenas notas possuem títulos em negrito.

No índice geral as partes do livro estão indicadas pela cor rosa e corpo maior das letras. Os títulos dos capítulos estão compostos em versai e versalete. (*Versalete*, ensina Frederico Porta, é a "letra que, num determinado corpo, tem a forma da maiúscula e o tamanho da minúscula; *versai* é "o mesmo que maiúscula ou capital, assim chamada por ser costume iniciarem-se os versos com tais letras"). Os subtítulos estão compostos com a letra inicial em caixa alta; resumo e pequenas notas estão compostos em itálico. Títulos e subtítulos estão alinhados à direita, como o número das páginas. Na última página, o crédito aos responsáveis pelo planejamento gráfico: Theobaldo De Nigris e Rubens de Barros Lima. O livro *Os continentes* apresenta um projeto gráfico agradável, cumprindo plenamente a função de facilitar a aprendizagem.

Mesmo num livro didático, em que a principal finalidade é informar, não se pode descuidar do projeto gráfico: é preciso escolher com cuidado o tipo e corpo das letras para que a leitura não seja cansativa; é preciso escolher com cuidado o tamanho

das linhas e o entrelinhamento; utilizar — sem exagero — a variação de corpos e tipos de letra, itálico e negrito, para destacar as informações mais importantes; distribuir textos e ilustrações de maneira equilibrada (não é necessário que haja a mesma quantidade de textos e ilustrações: esse equilíbrio pode ser atingido de diversas formas). Além de não ser ilegível e não ser cansativo, o livro didático não pode ser confuso, o que nem é preciso dizer.

Há várias maneiras de se fazer um bom projeto gráfico, não há fórmulas. Escolhi este livro de 30 anos atrás, como exemplo. Seu conteúdo, naturalmente, está defasado. E o gosto varia com o tempo: ninguém pense em atrair a atenção dos adolescentes de hoje com um visual parecido.

### **Ilustração e leitura da imagem**

Para conhecer a produção mais recente, visitei quatro editoras paulistas. Não dava para analisar os livros nas editoras nem trazer um montão de livros para casa. Assim, dentre a vasta produção de livros didáticos, selecionei os de português, centrando minha atenção nos de 5ª série.

Chama a atenção nessa produção mais recente a incorporação das histórias em quadrinhos como estilo de ilustração e até mesmo como objeto de conhecimento. Houve tempo em que os quadrinhos eram considerados leitura perniciososa ou, no mínimo, não aconselhável. Quando criança, por exemplo, eu só lia gibi no barbeiro, quando ia cortar o cabelo.

Hoje, você já pode abrir um livro como *A palavra é sua* e encontrar quadrinhos ilustrando os sons do "x"; o texto dos balões sendo utilizado para exercícios como transcrever artigos, identificar o sujeito da oração, as palavras monossílabas, as oxítonas etc; e histórias como ponto de partida para a expressão oral e a redação...

*Em A palavra é sua* convivem, sem nacionalismo exagerado nem xenofobia, Chiquinha e Mafalda, o Menino Maluquinho e Calvin, além de Hagar, Garfield, Geraldinho, Níquel Náusea, Snoopy, entre outros. O último capítulo é sobre histórias em quadrinhos. No exemplar do professor, ao pé da página de abertura do capítulo, tentando convencer os mais sisudos, há uma observação:

Ao professor: As HQ já não se destinam apenas a entretenimento. Unindo imagens e escrita, elas se tornaram eficientes veículos de idéias. Hoje até partes da Bíblia são impressas em HQ.

Nesse capítulo são estudados os elementos que compõem as HQ: balões, onomatopéias e recursos gráficos. Coerentemente, a seção de gramática estuda a interjeição, freqüente nos quadrinhos.

Pinturas de Milton Dacosta, Van Gogh e Picasso; cartuns de Caulos, Quino e Mordillo; gravura de Hokusai e escultura de Peticov, entre outras, abrem as 14 unidades de *Linguagem nova*, de Faraco e Moura.

Essas unidades se iniciam com uma atividade de expressão oral, ou seja, uma série de quatro a nove perguntas sobre a imagem de abertura. A "leitura da imagem" funciona como um

aquecimento para a leitura dos textos, na maior parte literários, de autores brasileiros como Ana Maria Machado, Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, Luís Fernando Veríssimo, Lygia Bojunga Nunes e Monteiro Lobato, e estrangeiros como Michael Ende e Júlio Verne (este último adaptado por Paulo Mendes Campos).

Os textos principais de cada unidade são chamados *de expressão escrita*, e são todos em prosa. Há poemas, quadrinhas populares e uma letra de música na seção SO PARA LER de algumas unidades. Correspondendo à predominância de textos em prosa, a seção REDAÇÃO focaliza aspectos do gênero narrativo como: o que é narrar, o que é descrever, pessoa e personagem, descrição de personagem, discursos direto e indireto, foco narrativo etc.

Os textos selecionados são interessantes, despertando o interesse por livros e autores. O estudo do texto abrange compreensão e interpretação, esta última concluindo com a seção PONTO DE VISTA, constituída por duas ou três perguntas que estimulam respostas mais pessoais. Enfim, trata-se de um livro para o professor interessado em ensinar e divertir, ou melhor, ensinar divertindo.

O índice está bem diagramado: utiliza vermelho, caixa alta e caixa baixa, itálico, negrito, corpos diferentes etc. Para cada unidade há uma vinheta com um detalhe da imagem de abertura.

*Expressão Oral, Expressão Escrita e Estudo do Texto* estão compostas com o mesmo tipo de letra, em duas linhas, com as primeiras letras em caixa alta, duas ou quatro vezes maiores que as minúsculas.

REDAÇÃO e GRAMÁTICA estão compostas em caixa alta com entreletras (distância entre as letras) com cerca de três vezes a largura das letras. Alguns títulos estão em negativo ou letra vazada, ou seja, branco sobre outra cor. A numeração das páginas é também vazada.

Os textos de expressão escrita apresentam diagramação variada — duas páginas com linhas de 14 cm (estou desconsiderando milímetros), uma ou duas com linhas de 11 cm, uma página com 11 cm, outra com 14cm, uma página com 8 cm ou quatro páginas com medidas variadas —11 cm, 7 cm e duas de 14 cm. O corpo das letras também não é o mesmo: em um texto, em uma linha de 14cm, cabem 70 e poucos caracteres (letras, espaços, sinais de pontuação); em outro, também em linha de 14 cm, mais de 80.

Pessoalmente, eu preferiria maior regularidade, a não ser, é claro, que as mudanças de diagramação e de corpo de letra tivessem uma função expressiva, o que, me parece, não é o caso, aqui.

O reconhecimento da importância da imagem acaba influenciando no conteúdo. Assim, por exemplo, na página 7 lê-se que:

*Narrar é representar fatos através de palavras ou de imagens.*

Reconhece-se, assim, que a linguagem visual não é apenas enfeite. Como afirmam os autores na apresentação:

*Como nem só textos escritos refletem o mundo e a vida, não poderíamos ignorar as mensagens visuais. Elas aparecem na abertura de cada unidade: são quadros, cartuns, desenhos, fotos, que servem como ponto de partida para discutir também as coisas da vida.*

Em uma das editoras que visitei, encontrei uma coleção de livros de Português de 1ª a 8ª série (em geral há coleções de 1ª a 4ª e de 5ª a 8ª série, eco da antiga divisão entre primário e ginásio). As capas são meio finhas, mas o subtítulo interessante: "a diversidade de textos numa proposta socioconstrutivista".

De fato, além de textos literários como poemas, contos e crônicas, e de textos informativos retirados de enciclopédias, revistas, jornais etc, há textos comuns no dia-a-dia, mas bastante incomuns em livros didáticos: carteira de identidade, roteiro de viagem, carnê de crediário, cédula de dinheiro etc. Vai-se percebendo, assim, que determinados tipos de texto aparecem em determinados veículos — ou "portadores de texto" — com diagramações determinadas. Ou seja, percebe-se pouco a pouco como os tipos de letra e a diagramação estão carregados de significado. O prefácio, que tem o título "Para começo de conversa", explicita a proposta:

*O mundo em que vivemos está repleto de linguagens: placas de rua, cartazes, outdoors, faixas, notícias de jornais e revistas, contos, notas, receitas, bulas de remédio, convites, bilhetes, cartas, mapas, gravuras, desenhos, pinturas, filmes, músicas, histórias, livros etc. Ler é compreender as diversas mensagens existentes no ambiente em que se vive.*

A unidade temática "Lugares e pessoas" é introduzida por um quadro de Di Cavalcanti, *Cinco moças de Guaratinguetá*; na mesma unidade há o quadro *Mãe e filho*, de Picasso, ponto de partida para atividades de exploração e produção; a unidade "O tempo através do tempo" é introduzida por uma escultura de Maria Martins, *A soma de nossos dias*; a unidade "Curiosidades" é aberta com atividades de

exploração, produção e extrapolação a partir do quadro *O conde de Garves*, de Frei Pablo de Jesus e Padre San Gerônimo.

Este último quadro é velho conhecido meu, do volume 10 da coleção "O mundo da criança — a arte ao alcance da criança". Foi com esse livro que iniciei minhas reflexões sobre a linguagem visual. Aposto que foi lá que os autores de *ALP* encontraram a reprodução de *O Conde de Garves*]

Todo mundo sabe que o desenho de um coração, pintado de vermelho, pode, em determinados contextos, significar amor (substantivo) ou amar (verbo). Quem é que já não viu adesivos com inscrições do tipo "eu—Itabira", valendo como uma declaração de amor do sujeito ao objeto direto?

Às vezes o coraçãozinho rubro vem acompanhado de uma seta, alusão—nem sempre consciente, pelo usuário do símbolo — a um personagem mitológico: Cupido.

Abro ao acaso o livro *Linguagem e vida*, para a 5ª série, e encontro um coração vermelho atravessado por uma agulha. Pelo orifício da agulha passa uma linha, desenhada com traço preto, mas, como o novelo de onde ela sai está colorido de vermelho, concluo que é uma linha de bordado vermelha. O coração está em um pano preso por um bastidor de bordado. Voltando algumas páginas percebo que esta vinheta "fecha" um capítulo sobre um trecho do romance *A moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, "Aula de bordado".

Em um exercício de compreensão sobre o texto, as autoras perguntam:

Em Aberto, Brasília, ano 16, n.69, jan./mar. 1996

*Você acha que o rapaz queria mesmo aprender a bordar ou a aula é somente pretexto para outra coisa?*

Páginas depois, a vinheta mencionada dá uma resposta não-verbal à pergunta. Tomando como ponto de partida um lugar-comum — o coração atravessado por uma seta —, a ilustração substitui a seta pela agulha, sugerindo que a aula de bordado "era pretexto para outra coisa". A vinheta interpretou o texto.

O desenho e a pintura não servem apenas para descrever as coisas. Eles podem interpretar, veicular idéias e valores. Em outra ilustração, aparece um garoto de *skate* e um homem segurando um livro na mão direita, com o braço esquerdo levantado, indicador apontando.

O menino, de camiseta e boné, e o homem, de terno e gravata, através de um recurso típico das histórias em quadrinhos, o balão, fazem os dois a mesma afirmação: "É legal".

Lendo melhor, percebe-se que a afirmação não é bem a mesma nos dois casos: o balão do advogado (como é que eu sei que é advogado?!) tem ponto final e o do esquetista tem ponto de exclamação. Os balões também são diferentes: o da esquerda tem a forma de elipse e o da direita é um quadrilátero. O tipo de letra, dentro dos balões, também é diferente: o advogado "fala" com uma letra que sugere formalidade e autoridade, enquanto o garoto "fala" com letra de pichação. Esta ilustração "traduz" visualmente a diferença entre a linguagem coloquial e a linguagem formal. Percebe-se, assim, que há mais coisas para "ler" numa imagem do que se vê à primeira vista.



Uma coisa que me agrada nas ilustrações de *Linguagem e vida* é a diversidade de pontos de vista. As ilustrações para "Aula de bordado", por exemplo, vão do plano de conjunto ao plano de detalhe. Explico: plano de conjunto é o que abrange uma ou mais pessoas em um cenário; plano americano, uma ou mais pessoas da cintura para cima ou da cintura para baixo; *dose*, partes do corpo — na maior parte das vezes, o rosto; plano de detalhe, um plano mais próximo do que *o close*, como por exemplo, um detalhe do rosto, como os olhos.

A ilustração para o poema "Sem barra", de José Paulo Paes, apresenta uma formiga correndo com duas folhas, em primeiro plano, e uma cigarra cantando ao microfone, ao fundo.

A fábula "A cigarra e a formiga", também em versos, de La Fontaine, é ilustrada por uma cigarra cantando e tocando violão, em primeiro plano e a formiga ao fundo.

Na página 30 há uma tira com três quadrinhos: no primeiro, cacos de garrafa; no segundo, uma garrafa bamboleando em cima de um banco caindo; no último, um menino correndo, olhando para trás, prestes a tropeçar no banco com a garrafa. A história parece contada de trás para frente: é que o garoto vem correndo da direita para a esquerda!

Essa tira ilustra exercícios sobre a organização de parágrafos. Nessas ilustrações, feitas a seis mãos por Marcelo Pacheco, Regina Knoll e Júlio Minervino, há sempre o cuidado de se evitar o clichê, a imagem óbvia. Não se pode inventar demais em um livro didático. É preciso acompanhar o horizonte de expectativas, o universo de informações (visuais, entre outras) de professores e alunos. Mas

não dá para ser só redundante. E necessário buscar o equilíbrio—difícil, eu sei — entre redundância e informação.

### **Informação não faz mal**

Você talvez conheça um adolescente que não se "amarre" muito em livro didático, mas curta vídeo, *videogame* e livros do Marcos Rey. Quando se fala em estímulo à leitura, fico com vontade de contar experiências que deram certo. Mas, infelizmente, não há fórmulas mágicas: os interesses de leitura variam com o tempo e o próprio interesse pela leitura. Já li fotonovelas e histórias de faroeste, como já inicie a leitura de clássicos, sem terminar...

Nenhuma leitura é descartável: quando a gente se cansa, percebe a redundância de certos textos, busca novos desafios. Mas, seguramente, não dá para desenvolver o gosto pela leitura tentando enfiar os autores goela abaixo. Nunca ninguém me obrigou a ler Horácio. Um dia, quando senti interesse, procurei uma tradução em português e, como gostei, procurei outras traduções em português, e também traduções em francês e espanhol e—imagine!—confrontei as traduções com o original em latim (e eu não sei latim).

Além de gostar dos textos — romances, poemas, letras de música etc. —, é necessário selecionar e recomendar com critério. Tempos atrás, com a publicação do livro *A psicanálise dos contos de fada*, de Bruno Bettelheim, começou uma valorização da fantasia e, em especial, dos contos de fada. Você já adivinhou que deve ter havido uma desvalorização da informação e de livros híbridos como *Emília no país da gramática*, que juntam informação e fantasia.

O livro de literatura infantil estimula a imaginação e o sentimento. Mas a informação também é importante. No mundo infantil há lugar tanto para a fantasia de Chapeuzinho Vermelho como para informações sobre o lobo guará. Isso, vários editores já perceberam, lançando coleções sobre animais, regiões do Brasil, períodos da história etc.

Folheio um livro para crianças impresso no Brasil. Leio:

*Los fenicios fueron quienes inventaron el alfabeto y dieron nombre a las letras.*

O título: *El libro de las letras*. Os autores: Ruth Rocha e Otávio Roth. Trata-se de versão para o espanhol de um dos títulos da coleção "O homem e a comunicação", editada pela Melhoramentos. Com o título *El hombre y la Comunicación* e a marca Melbooks, a coleção é comercializada na Argentina, no Chile, no México, no Paraguai, no Uruguai e na Venezuela.

No Brasil, a coleção ganhou vários prêmios: Prêmio Monteiro Lobato, concedido pela Academia Brasileira de Letras; Prêmio de Melhor Livro Informativo, concedido pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil; Prêmio Jabuti de Melhor Produção Editorial, concedido pela Câmara Brasileira do Livro. São oito títulos, todos com o formato 23 cm x 18 cm (altura x largura) e com 32 páginas. Os livros apresentam ante-rostos e páginas de rostos. O texto começa sempre na página 4 ou 5. A distribuição dos textos varia: ora nas páginas pares, ora nas páginas ímpares.

Em Aberto, Brasília, ano 16, n.69, jan./mar. 1996

Todos os livros são compostos de 14 ilustrações de página dupla, sangradas, isto é, ocupam a página inteira, sem margens. Os textos estão ora à esquerda, ora à direita da ilustração, em preto sobre um tom mais claro do que o fundo da ilustração (a chamada cor rebaixada). Os retângulos, de largura variável, contêm de seis a 28 linhas.

As ilustrações são de Raquel Coelho: colagens com diversos tipos de papel — artesanais, de presente, de *outdoor*, capas de revista etc. A qualidade de impressão é muito boa, dando para perceber a textura dos papéis e as sombras criadas pela sobreposição dos papéis.

A maior parte das colagens é feita com papéis recortados, mas há bons efeitos resultando da combinação com papéis rasgados, como no leão amarelo de *O livro das letras*.

Solução muito feliz também é a incorporação de reproduções fotográficas e ilustrações antigas, como o retrato de Gutenberg em *A história do livro*. As ilustrações não são apenas informativas, referenciais ou redundantes — elas interpretam. Em *O livro dos lápis*, por exemplo, o texto nos informa sobre essa inseparável companheira de todos os dias, a caneta esferográfica:

*Depois da caneta-tinteiro foi inventada a caneta esferográfica, que se chama assim porque, em vez de pena, tem na sua ponta uma pequena esfera de aço.*

*Graças a essa esfera de aço e à sua tinta oleosa, essa caneta desliza suavemente sobre o papel.*

A idéia de deslizar suavemente foi "traduzida" plasticamente por artistas de circo pedalando monociclos dentro das canetas.

Outra qualidade é o humor. Em *O livro dos gestos e dos símbolos*, por exemplo, afirma-se que:

*As cores também tiveram sempre grande importância na comunicação.*

*Assim, a bandeira branca há muito significa paz.*

(...)

*A roupa branca tem uma conotação de pureza. Por isso as noivas usam o branco.*

A ilustração apresenta uma noiva bravíssima, enquanto o noivo procura acalmá-la agitando uma bandeira branca.

Lugares-comuns visuais, como os corações apaixonados, também são aproveitados.

A última ilustração de *O livro das línguas*, por exemplo, apresenta pares, trios e quartetos de balões, sugerindo diálogo e comunicação. Há também, em tamanho maior que os balões, dois corações, um ligeiramente sobre o outro, com as pontas se encontrando) O texto conclui:

*E até hoje a palavra e as línguas permitem ao homem as duas coisas mais importantes que ele pode fazer: escrever suas leis, para que possa viver de maneira civilizada, e declarar seu amor, para que ele possa viver feliz...*

Em Aberto, Brasília, ano 16, n.69, jan./mar. 1996

## Concluindo

Vou ficando por aqui, com a esperança de que os livros didáticos não sejam apenas veículos de informações, mas possam contribuir para a formação do cidadão, para que possamos "viver de maneira civilizada".

E, como os livros didáticos não precisam ser feios nem chatos, tenho esperança de que neles se possa aprender com prazer e beleza. Se o professor evitar selecionar livros feios e chatos, os editores que não quiserem ficar com seus livros encalhados vão precisar caprichar um pouquinho mais na produção do livro didático. E — acredite! — caprichar um pouco mais não significa necessariamente gastar mais ou ter menos lucro...

Certa vez, selecionando trechos de Graciliano Ramos para uma leitura dramática, Antônio Abujamra comentou: "Não podemos ser chatos". A frase aplica-se a muitos outros contextos (Pudesse um conhecido meu adotá-la como lema!). E aplica-se aos livros, inclusive aos livros didáticos. Nem chatos nem feios, mas bonitos e divertidos! Pense nessa hipótese quando selecionar seus livros didáticos!

## Referências bibliográficas

AZEVEDO, Aroldo de. *Os continentes*. 4.ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1970.

BRAGA, Rubem. *O conde e o passarinho; Morro do isolamento*. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 1961.

CAMARGO, Luís. *Ilustração do livro infantil*. Belo Horizonte: Lê, 1995. (Apoio).

CÓCCO, Maria Fernandes , HAILER, Marco Antonio. *ALP 5: análise, linguagem e pensamento: a diversidade de textos numa proposta socioconstrutivista*. São Paulo: FTD, 1993.

FARACO, CE., MOURA, FM. *Linguagem nova: 5a. série*. 8.ed. São Paulo: Ática, 1995.

GOLDSTEIN, Norma, DIAS, Marinez. *Linguagem e vida: 5a. série*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1993.

LUFT, Celso Pedro, CORREA, Maria Helena *A palavra é sua: língua portuguesa 5a. série*. ed. rev. e ampl. São Paulo: Scipione, 1996.

PORTA, Frederico. *Dicionário de artes gráficas*. Porto Alegre: Globo, 1958.

ROCHA, Ruth, ROTH, Otávio. *A história do livro*. 3.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1993. (O homem e a comunicação).

\_\_\_\_\_. *El libro de las letras*. São Paulo: Melbooks, 1994. (El hombre y la comunicación).

\_\_\_\_\_. *O livro da escrita*. 3.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1993. (O homem e a comunicação).

\_\_\_\_\_. *O livro das línguas*. 2.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1992. (O homem e a comunicação).

\_\_\_\_\_. *O livro das tintas*. 2.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1992. (O homem e a comunicação).

\_\_\_\_\_. *O livro do lápis*. 3.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1993. (O homem e a comunicação).

\_\_\_\_\_. *O livro do papel*. 3.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1993. (O homem e a comunicação).

\_\_\_\_\_. *O livro dos gestos e dos símbolos*. 2.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1992. (O homem e a comunicação).